

Memórias e modalidades boleiras do torcer: tempos e espaços da 3ª divisão no projeto “Brasil na Arquibancada”

Memories and Kinds of Football Cheering: Time and Space of the 3rd Division in the Project “Brasil na Arquibancada”

Zeca Marques

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutor em Ciências da Comunicação, USP

Flavio de Campos

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutor em História Social, USP

Max Filipe Nigro Rocha

Escola Suíço-Brasileira de São Paulo
Doutorando em História Social, USP

RESUMO: O “Brasil na Arquibancada” foi um projeto idealizado em 2011 pelo Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), vinculado ao Departamento de História da USP. De maio a dezembro de 2012, um grupo de investigadores debruçou-se sobre os 40 clubes que, à época, disputavam os Campeonatos Brasileiros das Séries B e C a fim de captar as modalidades do torcer no Brasil às vésperas da realização da Copa do Mundo Fifa de 2014. Este texto, além de comentar inicialmente alguns aspectos do projeto, oferece três relatos memorialísticos em formato de crônica, procurando apresentar ao público leitor algumas temporalidades e espacialidades percebidas em três jogos da 3ª divisão do futebol nacional, em cidades dos Estados de Minas Gerais e São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol brasileiro; Memória; Série C; Etnografia.

ABSTRACT: “Brasil na Arquibancada” is a Project conceived in 2011 by Ludens (Interdisciplinary Research Center on Football and Playful Modalities), linked to the Department of History at University of São Paulo. From May to December 2012, a group of investigators focused on the 40 clubs that, at the time, competed in the Brazilian Championships of Series B and C, in order to capture how cheering modalities in Brazil on the eve of the World Cup from the 2014 FIFA World. This text, in addition to initially commenting on some aspects of the project, offers three memorialists reports in chronicle format, seeking to present to the readership some temporalities and spatiality of the 3rd national football, in cities of the States of Minas Gerais and São Paulo.

KEYWORDS: Brazilian Football; Memory; Serie C; Ethnography.

INTRODUÇÃO

O “Brasil na Arquibancada” foi um projeto que começou a ser idealizado em 2011 pela equipe do Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), vinculado ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. De maio a dezembro de 2012, um grupo interdisciplinar de docentes e discentes¹ de diferentes níveis (doutorado, mestrado, graduação) e formações (história, sociologia, antropologia, geografia, comunicação etc.) debruçou-se sobre os 40 clubes que, à época, disputavam os Campeonatos Brasileiros das Séries B e C, correspondentes à segunda e à terceira divisões nacionais, respectivamente.

As equipes de investigação, colocando em prática uma etnografia participante, espalharam-se pelas cinco regiões do país, visitando estádios e cidades que normalmente não comparecem nas principais vitrines midiáticas do futebol brasileiro. Para cada partida, destacava-se uma dupla que seria responsável por uma produção fotográfica e uma produção textual daquele encontro, recuperando-se assim uma tradição do jornalismo de revista brasileiro cujo maior modelo é a longeva parceria na revista *O Cruzeiro* entre o por vezes inescrupuloso repórter David Nasser e o fotógrafo Jean Manzon.² Ao todo, foram acompanhadas 39 partidas da Série B e 25 da Série C, o que originou um extenso acervo com centenas de relatos, além de 5 mil fotografias e 50 vídeos.

O objetivo das idas a cada cidade e a cada estádio tinha a ver com a percepção das temporalidades e espacialidades específicas da segunda e terceira divisões do futebol brasileiro, num momento em que as principais atenções da imprensa e da opinião pública se voltavam à realização da Copa do Mundo de 2014 no país. Diante das exigências da Fifa com relação a infraestruturas de mobilidade,

¹ O projeto “Brasil na Arquibancada” foi financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da USP e coordenado por Flavio de Campos e Luiz Henrique de Toledo. Compunham também a equipe: José Carlos Marques, José Geraldo Vinci de Moraes e José Renato de Campos Araújo (docentes); William Maranhão, analista do Ludens; Enrico Spaggiari, Giancarlo Marques Carraro Machado e Luciana Ferreira Angelo (estudantes de doutorado); Giovana Capucim e Silva, Marco Lourenço, Maria Fernanda Silva Pinto, Maykell Araújo Carvalho, Max Filipe Nigro Rocha, Nelson Alves Caetano, Thiago Rosa Machado e Thomas Machado Monteiro (estudantes de mestrado); Amanda Macedo Fernandes, André Strauch Feres, Breno Costa Macedo, Bruno Jeuken Souza, Daniela Landini Santos, Kaio César Pereira, Karolyne Fonseca Camargo, Lúcia Nogueira Esteves, Marcelo Ricci, Victor Sá Ramalho Antônio e William de Carvalho Contini (estudantes de graduação).

² Ver Carvalho: *Cobras Criadas: David Nasser e o Cruzeiro*.

comunicações, hotelaria, novos estádios etc. (o que criou no país, até de forma jocosa, a expressão “padrão Fifa” como exemplo de excelência – ou soberba – na oferta de serviços), o projeto voltava seus olhares para uma realidade distante das novas “arenas”, as quais eram concebidas para o megaevento esportivo a partir de lógicas de ordenação do público muito distintas daquela cultura torcedora que se criou no Brasil ao longo de décadas. Em vez de assentos com lugares marcados e renovadas estruturas de acesso, o que se encontrava nos recintos visitados destoava em vários sentidos do aparato moldado para o torneio da Fifa. Neste sentido, os pesquisadores e pesquisadoras tiveram o desafio de perceber, entre outros elementos, as expectativas dos torcedores comuns e as corporalidades das torcidas organizadas, suas representações cênicas e musicais (cânticos, palavras de ordem, coros) e ainda o seu patrimônio material, como bandeiras, faixas, uniformes etc.

A publicação de dois artigos sobre o “Brasil na Arquibancada” já procurara mostrar, com apuro e detalhamento, o conceito do projeto e sua forma de execução: um deles é “O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora”, de Flavio de Campos e Luiz Henrique de Toledo (2013). A preocupação dos autores, como o título diz, foi identificar e interpretar os elementos desta *sociabilidade torcedora* nas séries B e C de 2012. O outro artigo é “Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades”, de Bruno Jeuken Souza e Victor Sá Ramalho Antônio (2014), que complementavam aquele cenário “marginal” em oposição ao futebol dos “estádios-teatro” e ao processo de “clientelização” do torcedor.

Entretanto, esses dois artigos, ainda que se apoiassem nos relatos e imagens obtidos pelas diferentes equipes do projeto, diferem-se desta nossa proposta porque, agora, pretendemos oferecer ao público uma trilogia memorialística composta por três relatos inéditos a respeito de três partidas da Série C de 2012, a saber: Tupi x Vila Nova (GO), em Juiz de Fora (MG), em 29 de setembro; Santo André x Duque de Caxias, em Santo André (SP), em 20 de outubro; e o Oeste x Madureira, em Itápolis (SP), em 27 de outubro. Acreditamos que, ao lado de algumas reflexões críticas acerca do projeto, seria interessante oferecer ao público leitor relatos que compõem uma espécie de crônica das temporalidades e espacialidades deste futebol brasileiro menos midiaticizado, mas não menos intenso na paixão que provoca em seus fãs.

Além disso, este exercício de revisitar o projeto “Brasil na Arquibancada” após dez anos de sua realização busca perceber se ele ainda consegue mostrar sua atualidade e pertinência não só apenas a realização do Mundial Fifa de 2014, mas também tendo em vista o megaevento que se seguiu – os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016. Acreditamos que o público leitor não terá dificuldades para perceber que, meses antes da organização da Copa do Mundo no Brasil, algumas questões levantadas pelo projeto ainda não foram totalmente equacionadas ou superadas pela estrutura mais elitizada da primeira divisão do país e suas “arenas” Fifa. Mesmo porque o futebol, independentemente da divisão e da estrutura que lhe subjaz, permanece oferecendo a capacidade de mobilizar milhares de pessoas em torno de comportamentos similares conflituosos e por vezes miméticos com relação à cultura dominante. Como poderá ser visto nestes relatos aqui reunidos, há elementos de temporalidades e espacialidades imutáveis na sociabilidade torcedora brasileira; há outros elementos que pouco mudam; e há aqueles que correspondem a particularidades regionais próprias de agremiações que não estão sediadas nas principais capitais do Sul e Sudeste.

Entre os elementos imutáveis aparecem o amor e a idolatria que algumas pessoas, algo exacerbado nas torcidas organizadas, nutrem por seus clubes. Enquanto que para estes o ambiente do estádio não é apenas um tempo do não-trabalho (dia de jogo é dia de trabalho), para outras pessoas, especialmente as que vão com famílias inteiras para ver a partida, a ida ao estádio era compreendida como um tempo de lazer, de entretenimento, ainda que subordinado à imprevisibilidade do resultado, às intempéries climáticas ou ao ambiente por vezes hostil da disputa agonística. Entre os elementos que pouco mudam, destacam-se os cânticos de algumas torcidas, quase sempre criando paródias ou mimetizando comportamentos das torcidas dos grandes clubes do Brasil por meio da extensa midiaticização destes pelas transmissões televisivas.

Além disso, interessante notar como algumas organizadas mantêm uma convivência mais ou menos pacífica entre organizadas do próprio clube, como sói acontecer também entre os grandes times do país. No caso dos elementos mais particulares, interessa notar como as oposições centro-periferia motivam o que Campos e Toledo (2013) chamam de *bifiliação clubística*; o torcer por mais de um

clube também varia conforme a temporalidade e a espacialidade: quando os dois clubes dessa bifiliação se enfrentam, e de acordo com o tipo de campeonato, prefere-se sempre o local.

Os três relatos a seguir referem-se apenas a partidas realizadas na Região Sudeste, nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, acompanhadas por dois destes autores (José Carlos Marques e Max Filipe Nigro Rocha). Seria desejável que relatos envolvendo outras regiões do Brasil também viessem à tona, a fim de examinarmos melhor que tipo de país do futebol somos nós. De todo modo, os casos aqui reunidos contêm elementos que também seriam percebidos em outros Estados e regiões do país, obviamente com algumas particularidades a distinguirem um ou outro elemento.³

O jogo do Tupi em Juiz de Fora, por exemplo, distingue-se por tentar perceber como uma cidade com mais de meio milhão de habitantes é historicamente reconhecida por concentrar as paixões futebolísticas em torno não do clube local – centenário –, mas em torno dos clubes grandes do Rio de Janeiro. A partida do Santo André, realizada no chamado ABC (reunião das cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano em torno da megalópole São Paulo), traz por outro lado um fenômeno típico que caracteriza clubes sediados em municípios que integram as grandes metrópoles do Brasil, qual seja, a convivência com o poderio das torcidas dos grandes clubes paulistanos, cujas organizadas estão igualmente e fortemente capilarizadas nos municípios limítrofes à Capital. E o jogo do Oeste, em Itápolis, traz por sua vez uma realidade bem distinta: o que representa para uma cidade pequena no interior paulista (àquela época) manter um clube, sem grande lastro na tradição do futebol brasileiro, disputando uma divisão nacional.

Por fim, mais do que teorizar sobre as noções de tempo e espaço do futebol brasileiro neste século, o objetivo dos autores com esta contribuição foi justamente o de colocar tais conceitos em perspectiva por meio de crônicas⁴ sobre três partidas

³ Em 2012, a Série C do Campeonato Brasileiro contava com 20 clubes (Águia, Brasiense, Caxias, Chapecoense, Cuiabá, Duque de Caxias, Fortaleza, Guarany, Icasa, Luverdense, Macaé, Madureira, Oeste, Paysandu, Salgueiro, Santa Cruz, Santo André, Treze, Tupi e Vila Nova). Doze estados da federação estavam ali representados: CE (3), DF, GO, MG, MT (2), PA (2), PB, PE (2), RJ (3), RS, SC, SP (2).

⁴ Entendemos o termo crônica a partir das contribuições seminais de Antonio Candido (1989) e Davi Arrigucci Jr. (1987), por exemplo, que a definem com um texto na fronteira entre o jornalismo e a literatura, permitindo juízos mais pessoais e uma certa jocosidade no relato, o que, a nosso ver, oferece um suporte adequado à etnografia aqui praticada.

regadas por tensões específicas na Série C de 2012. Esperamos que o público leitor consiga perceber nestes três relatos as relações que se cruzam o tempo todo entre temporalidades e espacialidades que opõem e aproximam centro e periferia no Brasil, num movimento por vezes centrífugo, por vezes centrípeto. E esperamos ainda que o prazer que tivemos ao realizar esta etnografia participante seja também experimentado na leitura das próximas páginas.

RELATO 1: TUPI OR NOT TUPI?

Tupi 1 x 1 Vila Nova (GO) – Juiz de Fora (MG) – 29/09/2012

Juiz de Fora, cidade tradicional da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, conta com cerca de 525 mil habitantes (segundo estimativas do IBGE em 2012). Desses, é possível que mais da metade prefira mirar os clubes do Rio de Janeiro a ter que dedicar sua paixão ao clube mais importante das redondezas: o Tupi FC, agremiação centenária fundada em maio de 1912.

Para a partida diante do Vila Nova (GO) no dia 29 de setembro de 2012, válida pela Série C do Campeonato Brasileiro, o Tupi vivia sob intensa pressão, já que era o último colocado do Grupo B (apenas 12 pontos em 13 jogos, com três vitórias, três empates e sete derrotas – um aproveitamento de meros 30,8%). O clube ainda atuaria apenas mais uma vez em casa (contra o Oeste – SP) e três vezes fora, contra Santo André (SP), Brasiliense (DF) e Chapecoense (SC), o que aumentava a necessidade de um resultado positivo contra a equipe goiana. Diante desse quadro, era de se imaginar que a cidade estaria engajada em apoiar o clube. Mas uma simples caminhada por Juiz de Fora na manhã daquele sábado parece comprovar o contrário: são os grandes clubes do Rio de Janeiro que dominam a preferência e a simpatia do torcedor local. Pelas ruas e avenidas, deparamo-nos o tempo todo com camisas, pôsteres e faixas do Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo. Mais tarde, em direção ao estádio Mário Helênio, as primeiras camisas que se avistam são justamente as do Fluminense, do Flamengo e do São Paulo. O entorno do estádio, faltando pouco mais de uma hora para o início da partida, apresenta-se bem tranquilo. Os ingressos custam R\$15,00 (R\$7,50 a meia entrada), valores que, se não afugentam os torcedores, também não conseguem atraí-los.

À porta das bilheterias, ouvem-se reclamações de que o clube deveria ter realizado uma promoção para cativar o público e encher o estádio – afinal de contas, a vitória era quase obrigatória para o Tupi. Mas, na avaliação do Sr. Célio, catador de latinhas que está em frente ao portão principal do Mário Helênio, a tarde não será boa. Ao lado de uma bicicleta com o emblema do Botafogo, ele fica à espera das pessoas que se abasteceram com latinhas de cerveja ou refrigerante nas barraquinhas de ambulantes posicionadas do outro lado da praça, cerca de 150 metros de distância. Como é proibido entrar com latas de bebida no estádio, o catador aproveita para recolher o alumínio que seria deitado ao chão ali mesmo.

“– Num dia bom dá para pegar 20 kg de latinhas. Hoje, se der 1 kg, é muito”, lamenta-se Célio. “Não vai dar nem 300 pessoas no estádio”.

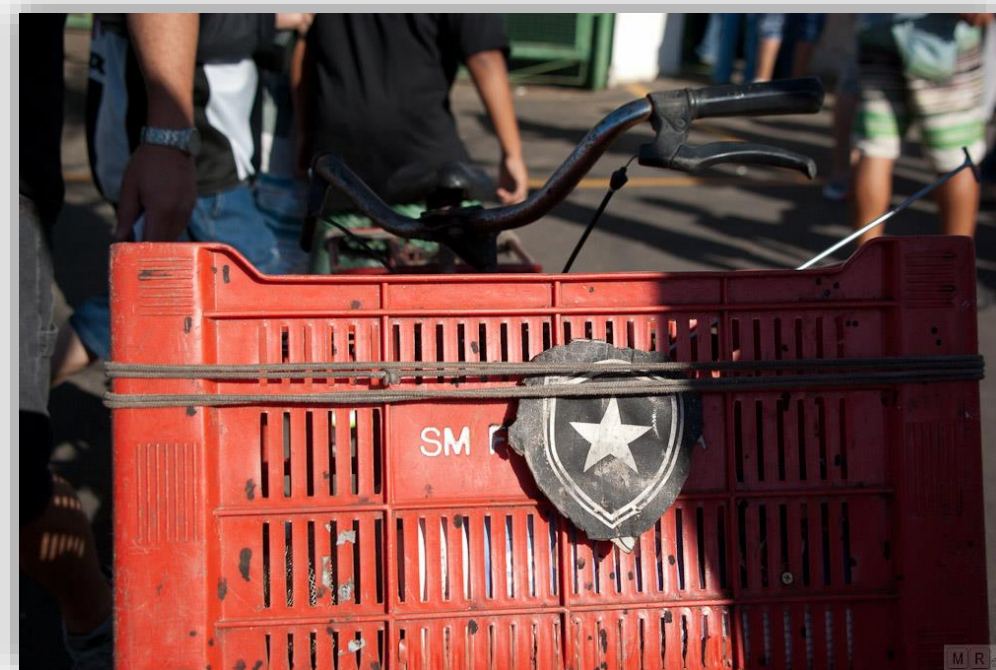


Imagem 1 - Escudo do Botafogo em bicicleta, antes de jogo do Tupi.
Foto: Max Nigro.

O catador confessa que só se estabeleceu em Juiz de Fora por causa de sua esposa, Maria da Neiva, falecida dois meses antes. Ela necessitava de cuidados médicos especiais, algo a que não tinha acesso na cidade de origem, Ubá. Os dois haviam se mudado há 15 anos em busca de um hospital maior e com mais recursos: “– Se eu não viesse para cá, ela teria morrido bem antes”.

Do outro lado da praça, de onde saíam as latinhas que viriam mais tarde abastecer o estoque do viúvo de Dona Maria Neiva, duas barracas promoviam o “esquenta” dos torcedores do Tupi. Um freguês que está na primeira barraca, muito crítico com a situação do clube, esbraveja:

“– Contra os times do Rio, o Tupi tem 10% da torcida do estádio; outros 10% ficam neutros; o resto, 80%, torcem pelos cariocas”. E arremata com uma estatística surpreendente: “O Tupi tem 1.150 torcedores. Quando aparecem 1.149, a gente sabe quem é o que faltou”.

Em vez de jogarem os copos plásticos no lixo, os clientes são estimulados deixá-los na calçada: “– A prefeitura vem limpar depois. Tem eleição –, diz o proprietário de uma das barracas”. De fato, a praça em frente ao estádio está repleta de militantes das candidaturas às eleições municipais de 2012; todos se preparam para iniciar as carreatas pela cidade ou para divulgar os nomes de quem iria concorrer ao pleito municipal.

O modernista brasileiro Oswald de Andrade, em seu “Manifesto Antropofágico”, lança a certa altura o desafio: “Tupi or not Tupi, that is the question”. Antropofagicamente, os moradores de Juiz de Fora já aprenderam, sabiamente, a incorporar o outro – não é à toa que metade da cidade prefira olhar para a antiga capital federal e escolher algum grande do Rio de Janeiro.

Ser ou não ser Tupi, de fato, confunde corações e mentes do público. Mais à frente, indagamos um garoto de 12 anos, guardador de carros:

“– Torce para quem?”.

“– Tupi”.

“– Para quem mais?”

“– Pro Vasco”.

Outros torcedores vão chegando ao estádio com camisas ou bonés do Vasco, Fluminense, Flamengo, São Paulo, Corinthians, Botafogo. Muitos com a camisa do Tupi também. O duplo repete-se bem em frente ao portão de acesso ao estádio, quando a surpresa vem do diálogo de um casal de namorados, após cerca de um minuto de indecisão em frente das bilheterias:

“Vamos ou não?”, pergunta o rapaz. Ela: “Tá vazio”. Ele: “Vamos pegar um solzinho”. Ela: “Se ainda fosse o Botafogo”.

Mais tarde, encontraríamos o mesmo casal durante o intervalo do jogo. O rapaz chama-se Lucas e torce pelo Flamengo. Paula, a namorada, prefere o time da estrela solitária.

“– Valeu a pena entrar? Vocês estavam tão indecisos lá fora...”, perguntamos.

“– Valeu, sim. Tá sendo divertido!”, respondem.

O estádio Mário Helênio apresenta um formato de ferradura, com os vestiários do lado em que não há arquibancada. O gramado estava muito danificado, com irregularidades por toda a extensão do campo. Na véspera daquele encontro, uma delegação chefiada pelo técnico Carlos Alberto Parreira havia visitado as instalações da cidade visando uma candidatura para subsede da Copa do Mundo de 2014. Sobraram algumas críticas à falta de estrutura do campo. Algo que se vê do lado das cabines de imprensa: um repórter da Rádio Goiânia sobe, esbaforido, os 30 degraus das arquibancadas até o local destinado às emissoras visitantes, ao lado dos torcedores locais, que não demoram a registrar sua revolta por causa de um impedimento marcado no ataque do Tupi.

Em meio a diversas camisas de clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, destaca-se um rapaz que usa a camisa do Vila Nova.



Imagem 2 - Torcedor (esq.) com camisa do Vila Nova (GO) ao lado de dois torcedores do Tupi.
Foto: Max Nigro.

“– Podemos tirar uma foto sua?”

“– Sim. Usa photoshop depois pra me deixar bonito!”, responde. Trata-se de Marcos Modesto, torcedor do Botafogo e estudante de jornalismo. Veio torcer pelo Vila Nova pois tem familiares em Goiânia.

“– Você não tem medo de apanhar, não?”

“Não. O pessoal me conhece. Eu fico quietinho aqui.

Em meio a nossa conversa, sai um gol do Tupi.

“– Pô, vocês não me deram muita sorte”.

Mas há alguém mais quietinho do que Marcos Modesto no estádio. Atrás de um dos gols, destaca-se um torcedor solitário, em frente a uma faixa pendurada no alambrado. Trata-se do Sr. Augusto, que permanece isolado e que sempre se posiciona no mesmo setor da arquibancada.

“Por que o senhor fica aqui, sozinho?”.

“– Lá em cima jogam urina! Aqui é melhor, retruca”. Olha, fala ali praqueles caras que torcida de verdade não coloca a faixa de cabeça pra baixo!”.



Imagem 3 - Faixa de cabeça para baixo de organizada do Tupi, em protesto à má fase do time.
Foto: Max Nigro.

O Sr. Augusto referia-se à torcida organizada “Império Alvinegro”, que protesta contra o mal explicado roubo ocorrido na sede do clube, o que, segundo eles, teria deixado os salários de jogadores em atraso. Criada em janeiro de 2010, a torcida não recebe verba do Tupi. Conta com 70 a 100 membros presentes no estádio. Nos jogos com os grandes do Rio, costumam viajar até a capital carioca. Mantêm a faixa para baixo por causa da campanha do clube na Série C do Brasileirão.

“– Se o Tupi ganhar 6 pontos, viraremos a faixa!”, promete Jackson, líder da torcida. Ele também não esconde a apreensão diante da necessidade de o time vencer seus compromissos em Juiz de Fora.

Ao lado, e numa convivência aparentemente pacífica, fica a Tribo Carijó. Fundada em outubro de 2006, conta com cerca de 50 membros presentes no estádio. Daniel, “líder” da Tribo, conta que viajara a Caxias do Sul (RS) na semana anterior, para acompanhar a partida diante do Caxias. “– Infelizmente, perdemos por 1 x 0”. Ao seu lado, outro membro do grupo – e o mais inquieto na arquibancada – usava uma camisa do Goiás (maior rival do Vila Nova, adversário do Tupi).

“– É o Vitor Lima, ele sempre faz isso”, denuncia Daniel. “Ele vem com a camisa do rival que enfrenta o Tupi só para provocar. Mas por baixo ele tá usando a camisa do Tupi”.

O Vila Nova empata o jogo em 1 x 1 e, do outro lado do campo, Marcos Modesto comemora sozinho, acompanhado dos dois amigos. É a única pessoa no estádio a comemorar o gol dos visitantes. Mas é pouco notado pelos outros torcedores.

O Tupi não consegue a vitória, e a torcida começa a ficar bastante apreensiva. Surge um lance polêmico no ataque do time da casa, e o juiz não marca pênalti. A torcida se inflama. Faltas contínuas cometidas pelos jogadores do Vila Nova não motivam o uso do cartão amarelo pelo árbitro.

As organizadas do Tupi vangloriam-se de comporem a maior torcida do interior de Minas Gerais. “Cruzeiro e Atlético, quando vêm a Juiz de Fora, não são maioria”, ressalta o mesmo Jackson, da Império. Independentemente da preferência por clubes de fora, nota-se nitidamente que o Tupi conta com torcedores extremamente fiéis e apaixonados. E que não deve ser difícil encher o Mário Helênio, com capacidade para 30 mil pessoas sentadas, quando o clube vai bem – a exemplo do ocorrido em 2011, quando ficou com o título da Série D do Brasileirão.

Para além dos protestos, as organizadas do Tupi possuem cânticos semelhantes aos de outras torcidas de clubes grandes:

“Ôôôô, eu acredito!”

“Porra, caralho, vamo sacudir, quem manda nessa porra é a torcida do Tupi”.

“Ôôôôôô, vamos pra cima deles, Galo!!”

“Olê, leô, Tupi eu sou”.

O Vila Nova passa a oferecer mais perigo e fica perto de virar o placar do jogo. O Tupi salva-se com duas defesas precisas do jovem goleiro Rodrigo. É o mote para os torcedores: “PQP, é o melhor, goleiro do Brasil – Rodrigo”

A paciência vai se esgotando e os protestos mudam do juiz para o técnico do Tupi: “– Roy, você é muito retranqueiro! Não vale nada! Foi o goleiro que garantiu o empate pro Tupi”! Vítor Lima agora já tirou a camisa do Goiás e, de fato, aparece com a camisa do clube de Juiz de Fora. É um dos mais inquietos entre os 900 torcedores presentes no estádio, público anunciado pelos alto-falantes.

O jogo termina em 1 a 1, e o Tupi fica à beira do rebaixamento. Nem o centenário do clube em 2012 parecia ser capaz de salvá-lo da degola e da volta à quarta divisão do futebol brasileiro. De todo modo, o Sr. Célio errou sua previsão de público e subestimou os 1.150 torcedores fiéis e apaixonados do Tupi, conforme relatado pelo torcedor antes do jogo na frente das barracas. Entre as 900 pessoas no estádio, uma delas torcia para o Vila Nova, ou seja, tivemos 899 carijós fiéis presentes no Mário Helênio. Faltaram apenas 251 para a festa do catador de latinhas ser completa.

RELATO 2: TÃO LONGE, TÃO PERTO

Santo André 0 x 1 Duque de Caxias – Santo André (SP) – 20/10/2012

Tal qual o título do filme *In weiter Ferne, so nah!* (*Tão longe, tão perto*, na tradução em português), do diretor alemão Wim Wenders, a torcida do EC Santo André também poderia dizer que está tão longe e tão perto de sua equipe quando os jogos acontecem em casa, no Estádio Municipal “Bruno José Daniel”, pelo Campeonato Brasileiro da Série C de 2012.

Divergências entre o prefeito eleito em 2008, Aidan Antônio Ravin, e a diretoria do clube culminaram com a interdição do estádio. O Santo André procurou outras sedes para receber seus adversários, mas os custos com viagem e hospedagem fizeram com que o clube permanecesse em sua cidade, atuando no mesmo estádio municipal, só que com portões fechados. Não havia venda de ingressos.

Situado na cidade do mesmo nome, na região da Grande São Paulo, o Santo André disputa com o São Caetano (principal rival) e com o São Bernardo a supremacia do futebol do ABC paulista, berço do surgimento da indústria automobilística no Brasil a partir da década de 1950 e, mais tarde, dos movimentos sindicais. O clube tem suas origens em 1967, com o nome de Santo André Futebol Clube. Em 1975, ganhou o nome atual: Esporte Clube Santo André. Desde então, venceu por duas vezes a segunda divisão do campeonato paulista (1975 e 1981) e uma vez a Copa Estado de São Paulo (2003). Sua maior façanha, porém, foi o título da Copa do Brasil em 2004, diante do Flamengo, no Maracanã. O triunfo credenciou o “Ramalhão”, como o clube é chamado, a disputar a Taça Libertadores da América no ano seguinte. Já em 2010, outra façanha: o vice-campeonato paulista diante do poderoso Santos de Ganso e Neymar.

Em 2012, no entanto, a história era bem diferente. O time estava ameaçado de cair para a quarta divisão do campeonato nacional. Em 2011, já havia sido rebaixado para a segunda divisão do paulista. A atual situação do clube era imputada às ações da Prefeitura, que demolira o setor de numeradas do estádio sob o pretexto de remodelá-lo a fim de ser utilizado como uma subsede da Copa do Mundo de 2014. Entretanto, após a demolição, a praça esportiva acabou sendo interditada e não recebeu obra alguma.

À porta do estádio, distribuía-se o manifesto “SOS Brunão”, no qual se destacava a frase “Foi o Aidan que fez: o massacre do Estádio Bruno José Daniel”. Às vésperas da eleição municipal de 2012, o imbróglio em que o clube havia se envolvido fazia com que grande parte da torcida apoiasse o candidato de oposição, Carlos Grana, a fim de evitar a reeleição de Aidan. A disputa política do município, ao lado do próprio jogo, movia algumas dezenas de pessoas a reunirem-se em frente ao estádio fechado, numa tarde chuvosa de sábado no ABC Paulista. Todos acompanhavam a partida do lado de fora, ouvindo os lances da peleja por meio de

uma transmissão radiofônica ampliada pelos potentes alto-falantes de um carro estacionado próximo às bilheterias. Estas, fechadas, serviam para a colagem de folhetos e do manifesto em socorro ao estádio.

Outros torcedores, menos preocupados com a eleição municipal, reuniam-se ali para demonstrar sua paixão pelo Santo André e para manifestar sua indignação diante do fechamento do Bruno José Daniel. Não faltava um dos torcedores mais emblemáticos e folclóricos do clube, Eduardo Braghirolli, mais conhecido como Esquerdinha. Vinha montado em sua bicicleta estilizada, batizada de “Ramalhocleta do Esquerdinha”.

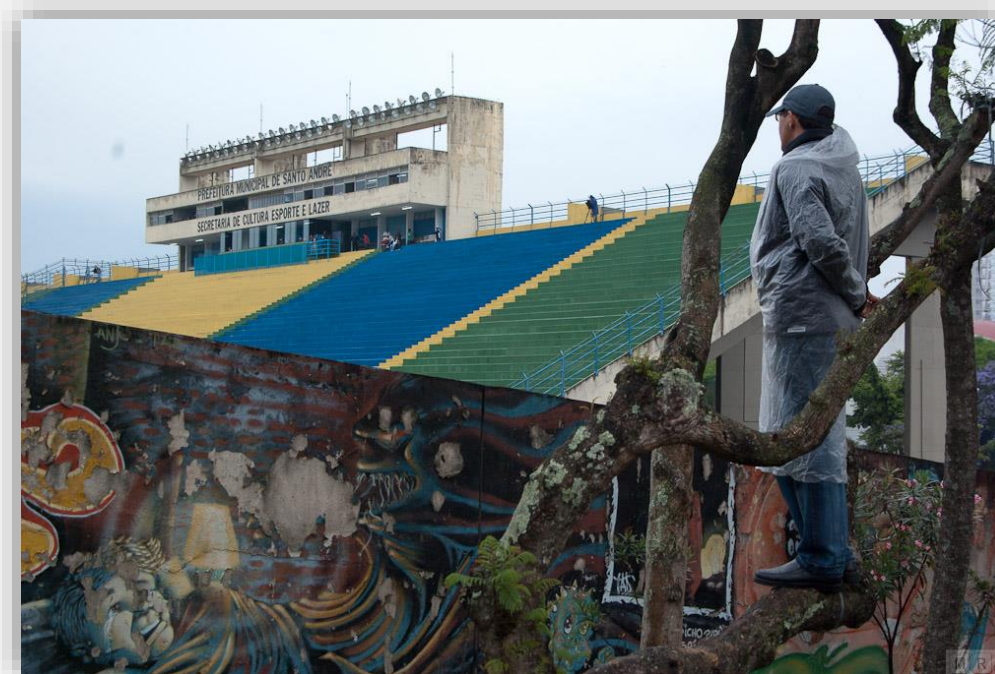


Imagem 4 - Torcedor sobe em árvore para ver jogo do Santo André.
Foto: Max Nigro.

Já as torcidas organizadas, que tinham outras disputas entre si, permaneciam de lados opostos fora do estádio. Do lado da entrada principal, próximo ao portão de acesso de atletas, árbitros e dirigentes, marcava lugar a Fúria Andreense. A faixa com os dizeres “O ABC tem dono” já dava mostras da importância do grupo, fundado em 2000. A aglomeração de pessoas em torno da Fúria levou muito deles para uma marquise sobre uma das entradas do estádio, de onde se tinha uma boa visão do campo de jogo. Porém, assistir ao jogo de “camarote” durou muito pouco, cerca de vinte minutos – tempo necessário para que a Polícia Militar impedisse que os

torcedores ali permanecessem. Com o excesso de peso, a quebra da estrutura era iminente. A turma dispersou-se, e algumas pessoas subiram em árvores para poder continuar enxergando o campo.

Do lado oposto, atrás da outra extremidade do campo, situou-se a Torcida Esquadrão Andreense, cujo lema também procura atemorizar: “Seu pesadelo virou realidade”. Fundada em 2005, a organizada tem conseguido reunir de 15 a 20 pessoas para acompanhar o Santo André do lado de fora do Brunão. Aproveitavam a estrutura de um outdoor situado junto ao estádio para se fixar nas grades de ferro e pendurar a faixa da torcida. O outdoor havia sido queimado pelos próprios torcedores, para a retirada do papel e o aproveitamento das grades: “Aqui é nosso lugar, mano!”, explica um deles. Disseram que pretendiam ir ao Rio de Janeiro na semana seguinte, em dois carros, para acompanhar a partida contra o Macaé: “É jogo de vida ou morte!”, afirma outro.

Não só a marquise desocupada pela PM do lado da Fúria Andreense estava na iminência de cair. Os torcedores sabiam que a situação do Santo André na Série C também indicava uma queda iminente – agravada com a impossibilidade do apoio dentro do estádio. Daí um dos cânticos mais repetidos por eles ao longo do primeiro tempo da partida: “Eu sempre vou é comemorar, seja na Série C ou na Série A”. A frase alternava-se com a de outro cântico, que procurava rememorar o maior feito de sempre do clube: “A Copa do Brasil eu comemorei”.

Todos os torcedores demonstravam grande fanatismo pelo Santo André. O que não impedia que uma tatuagem com o símbolo do Corinthians e outra com o símbolo do São Paulo fossem identificadas nos corpos daqueles jovens. “Mas a maioria torce só pelo Ramalhão”, adverte um terceiro. É o que explica a presença, entre eles, de uma camisa da seleção da Suécia (uniforme número 2) e outra da França (com o nome Benzema às costas): o azul, ali, é cor obrigatória.

Atrás da meta oposta ao placar eletrônico (e à direita das arquibancadas que restaram), um muro alto separa o estádio de um aclave que se eleva a partir da praça onde se realizam os exames de autoescola do município. Dois torcedores, um deles vestindo uma camisa da TUDA (Torcida Uniformizada Dragão Andreense), assistem ao jogo por meio de um buraco no muro. Dizem ser “sócios da área VIP” do estádio:

“Presente do prefeito”. Para facilitar a compreensão do que acontecia no campo, a presença de um rádio mantinha-os informado dos lances que a visão não alcançava.



Imagem 5 - Torcedores veem jogo do Santo André por meio de buraco no muro do estádio.
Foto: Max Nigro.

A insatisfação dos torcedores com o atual estado de coisas do futebol local se expressava de modo mais agudo por meio de uma faixa com os dizeres “Não ao futebol moderno” – movimento que luta contra a exagerada mercantilização do esporte, o que tem distanciado os clubes grandes dos pequenos. Animavam-se com os poucos instrumentos que traziam, cuja percussão lembrava algumas *hinchadas* argentinas.

No início do segundo tempo, o Esquadrão, com o uso de sinalizadores e fogos de artifício, colore de azul o céu acinzentado da cidade. Alguns veículos que passam pela avenida que margeia o estádio tocam suas buzinas – alguns gritam frases de incentivo ao time. Em vão. O Duque de Caxias faz um gol e acaba por vencer a partida. O Ramalhão seguiria em sua luta contra o rebaixamento e pela liberação do estádio municipal. Mas os torcedores andreenses não conheceriam nenhuma outra “vitória” na Série C, nem em 2012, nem em 2013. Continuariam próximos do clube, mesmo distantes dos dias de glória. Na rodada seguinte, o time seria rebaixado à Série D, depois de perder longe de casa para o Macaé por 3 x 1, no Rio de Janeiro.

Naquela tarde chuvosa do ABC paulista, a garota Vitória era uma das poucas que destoava do público majoritariamente masculino da torcida local. Namorada de um dos integrantes da Esquadrão Andreense, dizia que era a primeira vez que acompanhava um jogo do Santo André do lado de fora do estádio.

“– Gostou da experiência?”

“Vim só por causa do meu namorado. Gosto de estar perto dele.”

RELATO 3: ALTAS TEMPERATURAS NA MARCHA PARA O OESTE

Oeste 0 x 0 Madureira – Itápolis (SP) – 27/10/2012

Itápolis, cidade situada bem no centro do Estado de São Paulo, na microrregião de Araraquara, conta com pouco mais de 40 mil habitantes. Já foi conhecida nacionalmente por ser um polo de produção de laranjas, mas nos últimos anos passara a ser alvo do noticiário nacional por causa do Oeste FC (agremiação fundada em janeiro de 1921 com emblema e cores rubro-negras em reverência ao tradicionalíssimo Clube de Regatas do Flamengo). A ideia de homenagear a equipe carioca partiu de Victor Lapenta, flamenguista que havia saído do Rio de Janeiro e se estabelecido em Itápolis no início do século XX.

Apesar de estar a menos de uma década de seu centenário, o Oeste só passou a frequentar a elite do futebol estadual há pouco tempo. Conseguiu o acesso à primeira divisão do futebol paulista em 2003, mas foi rebaixado no ano seguinte. Em 2008, conseguiu novo acesso e não caiu mais – ao contrário, passou a colecionar sucessos ano após ano. Em 2011, conquistou o título de “Campeão do Interior”, em torneio disputado entre os clubes paulistas eliminados na primeira fase do campeonato estadual. No mesmo ano, conseguiu o acesso para a Série C do Campeonato Brasileiro.

Em 2012, a campanha surpreendia mais uma vez. No dia 27 de outubro, jogaria em casa com o Madureira em clima de “quase” festa. A equipe já estava classificada para a fase final da Série C do Brasileirão e precisava vencer a partida apenas para ficar em segundo lugar do Grupo B. Assim, fugiria do confronto com o melhor time do campeonato, o Fortaleza, já garantido como primeiro colocado do Grupo A. O Madureira estava livre do rebaixamento e não levou seu time principal a

Itápolis, o que dava a entender que o Oeste não teria grandes dificuldades naquela tarde de sábado.⁵

Dificuldade maior era o forte calor que se abatia sobre a cidade. Os termômetros locais registravam 32º C – e relatos da imprensa local apontavam para uma sensação térmica de 40º C. Talvez por isso a movimentação diante do Estádio dos Amaros, uma hora e meia antes do início da partida, era muito pequena. O que se destacava era uma vendedora ambulante, que pendurava bandeiras rubro-negras, com o distintivo do Oeste, em meio a duas árvores logo à frente da entrada principal do campo. Tentamos estabelecer alguma conversa com ela, mas a vendedora mostra-se assustada, talvez por desconfiar que fôssemos alguns agentes da fiscalização municipal. Descobrimos que ela morava em Bauru (cidade distante cerca de 120 km) e que era a primeira vez que vinha a Itápolis para trabalhar como ambulante (obviamente, não dispunha de licença).

“– Quanto é a bandeira”

“– Vinte reais!”.

O preço não chamava a atenção do público que chegava para prestigiar o Oeste e que passou a marcar presença meia hora antes do início do jogo. Fora do estádio, em vez de bandeiras, viam-se muitas camisas do próprio Oeste e também do Santos, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Ponte Preta, Grêmio e até da Mancha Verde (a principal torcida organizada do Palmeiras). Por falar em organizadas, a movimentação em frente ao estádio agita-se apenas com a chegada de alguns membros da Oesterror. A torcida precisa passar pela revista da Polícia Militar (PM) em função da presença de instrumentos musicais, faixas e bandeiras. Arilson, líder do grupo, ostenta uma tatuagem do São Paulo e diz que costuma levar cerca de 50 pessoas em média aos jogos do Oeste.

“– E quando o jogo é contra o São Paulo?”

“– Aí é sempre Oeste!”, responde.

⁵ A boa campanha daquele ano levou o Oeste a sagrar-se campeão da Série C de 2012. Em abril de 2016, entretanto, o clube disputou sua última partida em Itápolis, contra o XV de Piracicaba, pelo Campeonato Paulista. Divergências com o poder municipal fizeram com que o Oeste estabelecesse uma parceria com o Osasco-Audax e passasse a mandar seus jogos em Osasco, na Grande São Paulo. Problemas com o novo estádio provocaram outra mudança, e o clube mudou-se definitivamente em 2017 para a cidade vizinha de Barueri. Desde então, caiu mais duas vezes: voltou para a Série C em 2020 e para a Série D em 2021.

A Oesterror completaria 20 anos em fevereiro de 2013. Segundo Arilson, deixaram de existir nos últimos anos a Garra Rubro-Negra e a Torcida do Amendoim. E não foi por causa da ação da polícia ou Ministério Público: “A PM ajuda a gente!”, explica.

A conversa é interrompida por um senhor que se aproxima de nós e nos pergunta se tínhamos ingressos para vender. Manifestamos nossa surpresa, uma vez que as bilheterias estão a pouco menos de dez metros de distância. Após termos sido confundidos com fiscais municipais, agora éramos tidos por cambistas.

A fila de torcedores que aguardam a entrada no estádio é composta por muitas famílias, com filhos pequenos e casais jovens. Em meio a eles, chama-nos a atenção o menino João Henrique, de 5 anos, acompanhado pelos pais (Fábio e Thaís). O trio havia saído de Mirassol (a cerca de 160 km de Itápolis) só para prestigiar Fernando Leal, goleiro do Oeste que estreava no time titular naquele sábado. Leal é amigo de infância do casal e havia presenteado o pequeno João Henrique com um par de luvas. Este não escondia que era torcedor do Mirassol e do Corinthians. Os pais do garoto pedem discrição, uma vez que, segundo eles, o Mirassol era atualmente o principal rival do Oeste, em virtude das rusgas surgidas nos diferentes campeonatos estaduais que haviam disputado recentemente. Arilson confirma a rivalidade e acrescenta outra: o Marília, que, entretanto, não disputava as mesmas divisões do Oeste há alguns anos.

Na entrada não há catracas eletrônicas (estas ficam guardadas ao lado, atrás de uma grade, numa edificação em que está instalada a caixa de alta tensão). O Estádio dos Amaros apresenta uma estrutura bastante modesta: tem arquibancadas de madeira atrás dos gols e nas laterais. Apenas a parte central, abaixo das cabines de imprensa, é de alvenaria. Não à toa o clube é obrigado a jogar em Araraquara ou em Presidente Prudente quando enfrenta os grandes da capital paulista. Apesar da precariedade das instalações, o clube mandante não deixa de cumprir com algumas obrigações legais: ao lado do portão de entrada, encontram-se afixados na parede o regulamento da Série C, a tabela do campeonato e sua classificação, a escala de árbitros, o Estatuto do Torcedor e a lista dos torcedores impedidos de comparecer a eventos esportivos no Estado de São Paulo (são cerca de 80 nomes). A papelada certamente ficaria inutilizada caso chovesse forte em Itápolis – risco inexistente naquele sábado primaveril de temperatura escaldante.

A tranquilidade que antecede a partida contra o Madureira é interrompida pelo Sr. Mário, que tenta dirigir-se para a parte direita da entrada do estádio em busca de sombra, próximo à arquibancada dos visitantes. É impedido pela PM, que fechou o acesso a essa zona do estádio, como precaução à chegada de torcedores do time carioca. Sr. Mário fica indignado e não tem opção a não ser enfrentar o sol de 32°C. Outra opção seria dirigir-se à arquibancada de alvenaria, na lateral do campo, protegida pela sombra das cabines de imprensa.

Duas dezenas de torcedores, porém, mostram-se pouco preocupados com o calor. Ficam posicionados atrás da meta defendida pelo goleiro do Madureira. As provocações não tardam:

“– ‘Vamo’ fazer gol nesse time de juvenil!”

“– Dá uma coca gelada e eles ‘entrega’ o jogo!”



Imagem 6 - Torcedores do Oeste, atrás do gol, pressionam goleiro do Madureira. À direita, a arquibancada de alvenaria. Foto: Max Nigro.

Vários degraus acima está o Sr. Geraldo. Permanece sozinho, em meio ao sol impiedoso, atrás do gol adversário. Diz que prefere ficar ali para acompanhar melhor o ataque do Oeste. Confessou ainda torcer para o Corinthians.

“– E quando jogam os dois?”

“– Aí é ‘fumo’ no Corinthians!”

Não muito longe está Antônio, o gandula que permanece na lateral do campo no lado oposto ao das cabines de imprensa. A vantagem é que não há torcedores atrás dele, muito menos da torcida visitante. O problema é enfrentar o mesmo sol impiedoso que atinge o Sr. Geraldo. Antônio diz ser torcedor do Oeste e do São Paulo: “– Fico dividido quando os dois se enfrentam”.

Próximo dele estão Zé Carlos (o fiscal do setor dos visitantes) e Bruno (garoto responsável pelo placar do estádio). Zé Carlos não tem dificuldade alguma naquela tarde, já que não apareceu uma alma sequer para torcer pelo Madureira. Bruno também não terá trabalho, uma vez que o jogo terminará empatado em 0 x 0. Mas nem sempre é assim. Ele relembra de uma partida entre o Oeste e a Ponte Preta, quando a torcida visitante se apoderou das tábuas numeradas e alterou o placar do estádio, colocando a Ponte Preta em vantagem. Surpreendentemente, o acesso ao placar é feito pela arquibancada onde se situa a torcida visitante. Basta subir numa mureta para se alterar os algarismos manualmente (o aparato não é eletrônico). Nessa ocasião, a PM teve que intervir e devolver o placar ao resultado original. Bruno conta ainda que o pior ocorreu numa partida contra o Noroeste de Bauru, quando houve forte bate-boca com torcedores visitantes: o Oeste já vencia por 3 a 0, quando, num ataque do time da casa, o garoto do placar fez menção de levantar a placa com o algarismo 4. Quase foi agredido pelos noroestinos, indignados com a provocação. Minutos depois, entretanto, o Oeste anotou de fato o quarto gol; o garoto do placar, visionário, só queria facilitar seu trabalho.

No intervalo do jogo daquele sábado, acabou o estoque de sorvete dos vendedores do estádio. Os picolés eram o principal artifício para vencer a sensação de 40°C. O forte calor parece ter amainado ainda o ímpeto do Oeste, que não conseguia anotar o gol que o faria evitar, na fase seguinte, o Fortaleza. O Madureira, desinteressado, passa a jogar com mais tranquilidade e ameaça o gol do time da casa. Num ataque perigoso da equipe carioca, o goleiro Fernando Leal espalma a bola, que se choca no travessão. Alguém grita das arquibancadas: “Parece a zaga do Palmeiras!”. A resposta é imediata: “Se fosse o Palmeiras a bola tinha entrado!”. Leal conta com um anjo da guarda a suas costas. Bem atrás dele, no meio da arquibancada, encontra-se Libaia, preparador de goleiros do Oeste. Ele assiste ao jogo com um par de luvas de goleiro nas mãos e orienta seu pupilo o tempo todo.

“– Por que essas luvas nas mãos com esse calor?”

“– Superstição!”

Na lateral do estádio, vemos o garoto André, sentado numa cadeira de rodas, ao lado de Da. Santa e Da. Maria:

“– Aqui é a área para pessoas em cadeira de rodas?”

“– Não. Só ficamos aqui por causa da sombra.”

O Oeste joga mal e alguns torcedores começam a ficar mais irritados. Perto do final da partida, um homem com a camisa do Oeste esbraveja contra um jogador que entrara no segundo tempo: “Aprende a chutar, corno!” Trata-se de um dos 399 pagantes daquela tarde, público anunciado nos alto-falantes do estádio (renda de R\$2.825,00).



Imagem 7 - Bandeiras do Oeste penduradas em frente ao estádio. Dias mais tarde seriam vendidas com o emblema do Flamengo. Foto: Max Nigro.

Fim de jogo e o Oeste não consegue a vitória. Fernando Leal foi o melhor homem em campo – para a felicidade do casal de Mirassol, para a alegria do pequeno João Henrique e para o júbilo do preparador Libaia. Uma fortaleza, para enfrentar o Fortaleza, no próximo desafio da Série C.

Na saída do estádio, a vendedora de Bauru continuava com as bandeiras estendidas nas mesmas árvores. Diante do pequeno público e do resultado decepcionante do Oeste, o preço havia caído para R\$15,00.

“– Vendeu muito?”

“– Muito pouco!”

“– O que você vai fazer com essas bandeiras?”

“– Vai virar bandeira do Flamengo!”

“– Como?”

“– Vou costurar o distintivo do Flamengo por cima e vender na próxima semana. Tem Palmeiras x Flamengo em Araraquara.”

Nove décadas após seu nascimento, o Oeste voltaria a homenagear o clube que lhe serviu de inspiração.

* * *

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. **Enigma e comentário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras Criadas**: David Nasser e o Cruzeiro. São Paulo: Senac, 2001.

CAMPOS, Flavio de; Toledo, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, número 99, nov. 2013.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. **Recortes**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Bruno Jeuken; Antônio, Victor Sá Ramalho. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. **Ponto Urbe**, 14/2014.

* * *

Recebido em: 20 de dezembro de 2021
Aprovado em: 22 de abril de 2022.